

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT
Programa de Pós-Graduação Lato-Sensu–Especialização em Gênero e Diversidade na
Escola

Beatriz dos Santos Dutra

A VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NAS ESCOLAS

Belo Horizonte
2016

Beatriz dos Santos Dutra

A VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NAS ESCOLAS

Monografia apresentada a Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para aprovação no curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Conceição Firmina Seixas Silva.

Belo Horizonte

2016

Beatriz dos Santos Dutra

A VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NAS ESCOLAS

Monografia apresentada a Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para aprovação no curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola.

Conceição Firmina Seixas Silva (Orientadora) – UERJ

Thalita Rodrigues - UFMG

Luciana Souza -UFMG

Belo Horizonte, 05 de março de 2016.

Dedico este trabalho à minha família,
principalmente ao meu querido filho Heitor, pelo
incentivo e carinho recebido.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus pela oportunidade que me foi dada.

Também a orientadora, Professora Conceição Firmina Seixas Silva, que através de sua colaboração tornou possível realizar este trabalho.

E a todos que, de alguma forma, contribuíram para esta construção.

“Não faz parte da natureza do ser humano a perversidade do racismo. Não somos racistas, tornamo-nos racistas assim como podemos deixar de estar sendo racistas.”

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo, a conscientização da real necessidade de se valorizar a identidade negra no interior das escolas, buscando combater o racismo e melhorando o relacionamento entre todos. Para viabilizar esta tarefa, foi realizada uma pesquisa teórica, baseada em materiais literários, fontes secundárias de literatura e materiais complementares; e uma pesquisa empírica, cujos dados foram coletados através de conversas informais feitas com os vinte e quatro alunos do 3º ano, da turma 313 da Escola Municipal “Heitor Cláudio de Sales”. Esses dados foram registrados em diário de campo com anotações de falas, atitudes, posturas e outras ações dos mesmos que foram sendo observadas. Durante o processo foram desenvolvidas as seguintes atividades de intervenção: roda de conversa informal sobre a história da chegada da população negra que foi retirada cruelmente da África para ser escravizada no Brasil durante um longo período de escravidão até a data da abolição; sessão de cinema com o desenho “Kiriku e a Feiticeira”, um belo desenho envolto em mistério que ressalta a inteligência e a coragem de Kiriku; e a leitura do livro “As Tranças de Bintou”, um conto africano que fala sobre a história da garotinha Bintou que sonhava em ter seus cabelos enormes e com longas tranças iguais as de sua irmã mais velha. Além disso, foi confeccionado cartazes em sala de aula, contando a história da população negra atualmente na sociedade, como vivem e como é seu trabalho nos dias de hoje. Apesar do curto espaço de tempo que tivemos para a realização destas atividades, tivemos bons resultados como os alunos se respeitando mais, todo mundo brincando com todo mundo, sem distinção. Inclusive, pôde ser observada até uma sensível redução no número de apelidos e piadinhas racistas dentro da sala de aula.

Palavras-chave: identidade, valorização, racismo.

ABSTRACT

This study aimed to raise awareness of the real need to value the black identity within schools, seeking to combat racism and improving the relationship between everyone. To facilitate this task, a theoretical research was conducted based on literary materials, literature from secondary sources and supplementary materials; and an empirical research whose data were collected through informal conversations made with the twenty-four students from 3rd year, class 313 of the Municipal School "Hector Claudio de Sales." These data were recorded in a field diary notes with words, attitudes, postures and other actions of the same that have been observed. During the process the following intervention activities were developed: informal conversation circle on the history of the arrival of blacks who were cruelly taken from Africa to be enslaved in Brazil for a long period of slavery until the date of abolition; film screening with the design "Kirikou and the Sorceress", a beautiful drawing shrouded in mystery which highlights the intelligence and courage to Kiriku; and reading the book "The Braids Bintou," an African tale that talks about the history of Bintou little girl who dreamed of having her huge hair, with long braids equal those of her older sister. It was also made posters in the classroom, telling the story of black today in society, how they live and how their work today. Despite the short time we had for carrying out these activities, we had good results as students respecting more, everyone playing with everyone, without distinction. Even could be observed to a significant reduction in the number of racist nicknames and jokes in the classroom.

Keywords: identity, appreciation, racism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1- DISCUTINDO RAÇA.....	13
1.1Raça	13
1.2 <i>Racismo</i>.....	14
1.3 <i>Identidade</i>.....	16
1.4 <i>Cultura Negra</i>.....	17
CAPITULO 2- DISCUTINDO A ESCOLA.....	18
CAPÍTULO 3- ATIVIDADES DE INTERVENÇÃO	22
3.1 <i>O Procedimento do levantamento de dados</i>.....	22
3.2 <i>A promoção de atividades</i>.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	31
ANEXOS	33

INTRODUÇÃO

Este trabalho salienta a necessidade de se valorizar a identidade negra nas escolas, buscando combater o racismo e melhorando o relacionamento entre todos. Apesar de ser constituído de várias culturas e etnias, o Brasil tem sua história construída a partir da exclusão de uma grande parcela da população, permanecendo legitimada a imposição de uma dominação branca.

Conforme a descrição feita por Silva (2008) em sua dissertação, essa segregação foi oficializada por decretos como o Decreto nº 1.331 de 17 de fevereiro de 1854, criado para proibir o acesso de negros às escolas públicas, claramente uma imposição legal e explícita a favor da discriminação racial. A primeira constituição brasileira, em seu artigo 5º, oficializava a religião católica como a única a ser adotada no Brasil Império. E o artigo 95º desse documento afirmava que só poderia ocupar cargo eletivo, quem fosse católico; cabendo a população negra negar sua fé e religião. Constava ainda, nessa mesma carta magna, o estabelecimento do voto censitário, que qualificava os direitos políticos do cidadão de acordo com sua renda, de modo que só eram considerados cidadãos ativos -eleitores e elegíveis- os que possuíssem renda superior a 200 mil-réis anuais e que tivessem nascido livres, afastando as negras e os negros das tomadas de decisão, uma vez que eram escravas/os ou libertas/os e seus ganhos eram muito restritos, inferiores à renda pré-estabelecida.

Para alguns estudiosos, houve o incentivo ao processo de embranquecimento do Brasil, procurando aumentar o número de brancos no país em detrimento da população negra, favorecendo a entrada de imigrantes europeus a partir de meados do século XIX, para trabalharem na agricultura, inclusive tiveram suas passagens pagas pelo próprio Estado, o que foi ardorosamente defendido por muitos intelectuais da época como forma de diminuir a população mestiça, fruto da miscigenação entre brancos e negros. Estas e tantas outras medidas acabaram por criar muros invisíveis que cerceavam o exercício da cidadania negra e iam legitimando o racismo, enquanto legitimava a discriminação (SILVA, 2008). Apesar de concordar com Silva (2008), sabe-se que, às vezes, os muros cerceadores da cidadania das negras e dos negros não são tão invisíveis assim, podendo ser explicitamente observados.

O motivo da escolha deste tema foi perceber a realidade apresentada nas salas de aulas, onde com algum olhar mais crítico, percebe-se com nitidez, como os estudantes brancos se sentem superiores aos estudantes negros; o que é facilmente compreensível se levarmos em consideração que, desde a mais tenra idade eles são privilegiados nas escolas e,

portanto, são plenamente conscientes da diferença racial existente. Além do que, o racismo também acontece nas sutilezas das ações e expressões de professores. Esses acontecimentos são muito prejudiciais e podem até mesmo causar uma distância entre ambos, dificultando cada vez mais a possibilidade de se reverter esse cenário racista dentro das escolas.

O objetivo deste trabalho é identificar e analisar ações positivas dentro das salas de aula, que reforcem a importância da construção da Identidade Negra, como forma de mudança das desigualdades raciais ocorridas dentro das escolas. Por acreditar que, por meio da valorização da “negritude”, seja possível sanar essa mazela da sociedade, onde ainda hoje existe grande diferença com que é tratada a população branca e a população negra. Esta última continua, por vezes, deixada para trás em seus direitos e humilhada por sua cor.

Também e não menos importante, junto à valorização da negritude encontra-se como objetivos específicos: refletir sobre a cultura negra, ressaltando sua importância por ter contribuído em muito para a nossa cultura, como no caso do artesanato, da culinária, da religiosidade e também das danças como a capoeira; e valorizar as negras e os negros, relacionando suas imagens à de pessoas negras importantes na história. Essas ações conjuntas podem contribuir para a Valorização da Identidade Negra porque, antes de qualquer outra coisa, é necessário fazer com que negras e negros se sintam acolhidas/os, detentoras/es de sua própria história. Para que, sentindo-se à vontade, possa afirmar a sua negritude. E isto só acontecerá no exato momento em que se percebam valorizadas/os, sendo parte integrante da cultura e da sociedade a que pertence: a sociedade brasileira.

É fundamental a participação efetiva da escola na afirmação da identidade negra de crianças e jovens, porque ela é um dos lugares muito importantes para esses sujeitos, exatamente por ser nela que eles passam a maior parte de seu tempo, durante a infância e a juventude. E também por ela ser a instituição formal, designada para o repasse do legado cultural.

Para atender aos objetivos propostos neste trabalho, foi realizada uma pesquisa teórica, baseada em materiais literários, fontes secundárias de literatura e materiais complementares, que deram apoio para a elaboração deste trabalho em valorizar a identidade negra nas escolas, e tendo oferecido elementos para a formulação da pesquisa. Consolidamos nossa pesquisa por meio de reflexões, que serviram como encaminhamento para análise e interpretações de dados do campo empírico, que foram coletados através de conversas feitas com os alunos. Os dados foram registrados em diário de campo com anotações de falas, atitudes, posturas e outras ações dos mesmos que foram observadas no decorrer do processo. Além disso, houve coleta

de materiais de todas as produções realizadas pelos alunos, em atividades de intervenção que foram desencadeadas durante a aplicação desta pesquisa, a saber:

- Roda de conversa informal sobre a história da chegada da população negra, que foi retirada cruelmente da África para ser escravizada no Brasil, durante um longo período de escravidão, até a data da abolição. Nessa ocasião, foi relatado como as negras e os negros passaram a viver depois, sem dinheiro e sem trabalho, apenas sendo livres, além de terem sido abordadas algumas figuras negras importantes da história.
- Sessão de cinema com o desenho “Kiriku e a feiticeira”, um belo desenho envolto em mistério que ressalta a inteligência e a coragem de Kiriku, um menino negro muito esperto.
- Leitura do livro “As Tranças de Bintou”, um conto africano que fala sobre a história da garotinha Bintou, com seu sonho em ter seus cabelos enormes e com longas tranças como a sua irmã mais velha; mas aprendeu que mesmo seu cabelo estando curto, poderia ao ser enfeitado e ficar muito bonito.
- E como tarefa de casa, a classe deveria procurar materiais diversos, como revistas e jornais que mostrassem as negras e os negros e, que contassem suas histórias, a maneira como vivem e como é seu trabalho nos dias de hoje.

De posse dos dados, os mesmos foram interpretados via análise crítica, sobre as possíveis mudanças de comportamentos ocorridas nas crianças.

A partir de agora, serão apresentadas as referências teóricas que contribuíram para a elaboração do trabalho em valorização da Identidade Negra nas Escolas. No capítulo 1, examinaremos os conceitos de raça, voltando nosso olhar também para o racismo. No capítulo 2, faremos um estudo sobre a escola, como sendo a instituição formal, designada para o repasse do legado cultural dos povos. Embora, por várias vezes, ela seja reprodutora de desigualdades. E no capítulo 3, visualizaremos o processo da coleta de dados e a promoção das atividades de intervenção.

1- DISCUSSÃO DE RAÇA

1.1 Raça

De acordo com Gomes (2003), as raças são construções sociais, políticas e culturais produzidas nas relações sociais e de poder criadas ao longo do período histórico, e tendo por consequência, a formação da desigualdade no decorrer do processo. Assim, existe uma hierarquização, que se dá a partir da correlação de forças das diferentes identidades, em que algumas são, convencionalmente, tomadas como superiores. Historicamente, a raça branca vem tendo privilégios, considerada como sendo superior a raça negra. Dessa forma, torna-se imprescindível, ao se tratar da raça negra, contrapor e questionar o que está posto, deslegitimar a ideia de uma inferioridade natural de determinadas raças. Historicizar também essa discussão, já que a hierarquização é fruto de processos históricos e não algo em essência.

Raça é uma categoria política. É a partir dela que podemos falar de desigualdade e de não naturalização. Segundo Munanga (2005) o significado de raça também é sociocultural, histórico, e psicológico. Ainda de acordo com o autor:

O conteúdo da raça é morfo-biológico e o da etnia é sócio-cultural, histórico e psicológico. Um conjunto populacional dito raça “branca”, “negra” e “amarela”, pode conter em seu seio diversas etnias. Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território. (MUNANGA, 2003)

Enquanto Neto (2007), nos leva a compreender que, a maioria dos pesquisadores brasileiros, que atuam nas áreas das relações raciais e interétnicas recorre frequentemente, ao termo raça para explicar o racismo, porque este fenômeno ainda é baseado na existência das raças hierarquizadas. De acordo com Silva (MISKOLCI apud SILVA, 2014, p.117) “... o fracasso escolar das crianças negras resulta de sua trajetória escolar, relacionada ao processo de subordinação de uma das marcas que as constituem, a raça”.

Na verdade, aqui no Brasil, sempre que é coloquialmente usado o termo raça, ele está sendo diretamente relacionando à imagem pejorativa, com que frequentemente o negro é associado. Parafraçando Gomes (2011), vivemos em um país onde a cor da pele de alguém, é fator determinante para ser desclassificado na sociedade. Não se observa o seu caráter, sua conduta, sua história. O abismo racial existe de fato, entre brancos e negros em nosso país, porque está entremeado por outros atributos que desqualificam o (a) negro (a), pois existe

uma questão de poder e de hierarquização da diferença, onde a raça branca mantém seus privilégios, sem permitir que a raça negra deixe jamais, de ser considerada inferior, que possa ter as mesmas regalias e os mesmos direitos.

E, ao se considerar raça como sendo uma categoria política, conseguimos chegar ao racismo, o próximo conceito a ser estudado. Sabemos que precisamos nos dedicar à tarefa de melhor entendê-lo, para assim, promover práticas e maneiras de enfrentamento ao mesmo.

1.2 Racismo

O racismo é um problema recorrente na sociedade brasileira, representando um sistema de opressão da diferença marginalizada, opressão contra grupos étnicos-raciais possuidores de características físicas e culturais, que não condizem com os modelos hegemônicos; ou seja, não correspondem às características de grupos dominantes. Essas características são avaliadas por meio de sinais como cor da pele, tipo de cabelo, formato de nariz.

Por um lado, o racismo é um comportamento, uma ação resultante de aversão, ou até mesmo do ódio em relação às pessoas, simplesmente porque pertencem a um grupo racial diferente do outro. E não é só pela diferença, mas porque há uma desqualificação, daquilo que se distancia dos atributos que foram escolhidos como padrão.

Desse modo, são considerados inferiores qualquer pessoa ou grupo social que possua traços culturais, linguísticos e religiosos diferentes daqueles padronizados, eleitos como superiores. E é por isso que se faz necessário falar mais sobre o racismo para poder desmistificá-lo, pois, conforme o pensamento de Gomes (2014), quanto mais se negar, mais o racismo irá se aprofundar.

E a autora vai mais além, quando juntamente com Anete Abramowics, (ABRAMOWICS e GOMES, 2010), as duas autoras evidenciam a postura fundamental do combate escolar ao racismo, no momento em que escrevem o quanto é importante, as escolas trabalhem com conteúdos que possam contribuir para que os alunos negros sejam contemplados. As autoras também sinalizam que os livros didáticos, são apontados em pesquisas raciais, como sendo um veículo que podem gerar consequências negativas na autoimagem da criança negra, por causa da veiculação de estereótipos relacionados ao povo negro, onde geralmente os mesmos estão apresentados como subalternos ou de maneira caricaturada. Isto faz com que, ao utilizar um livro didático em sua sala de aula, o professor

precisa fazer de maneira crítica, de maneira que ele sirva como um instrumento auxiliar na positividade da imagem dessas crianças e não o contrário.

Paulo Freire (2001, p.68), destaca que “não faz parte da natureza do ser humano a perversidade do racismo. Não somos racistas, tornamo-nos racistas assim como podemos deixar de estar sendo racistas”. Por ser uma construção social, não ser racista ou deixar de ser racista são medidas que podem ser vislumbradas, uma vez que concebemos o racismo como uma construção social. Mas não se trata de um processo simples, sem embates e desgastes. Mas no contexto escolar, os currículos podem servir como uma ferramenta de positividade da imagem do negro e de problematização da diversidade.

Neste ponto, iremos nos reportar ao artigo de Valverde e Stocco (2009, p.153), exatamente ao trecho a seguir, onde está destacada a frase “a observação da afetividade e contato físico identificado entre crianças negras e brancas, demonstrando que a discriminação não é algo intrínseco, mas é construído ao longo do processo de socialização”. Logo, podemos perceber que as crianças não são essencialmente racistas, elas aprendem a ser. E, assim sendo, uma criança ou uma pessoa qualquer pode querer deixar de ser racista, embora não seja uma tarefa fácil, porque alguns grupos terão que abrir mão de seus privilégios e isso inevitavelmente causará conflitos.

E as escolas podem ajudar nessa tarefa, principalmente quando proporciona um ambiente favorável para que ocorram essas mudanças, adequando seu currículo de maneira a favorecer esta iniciativa ao longo dos tempos. Pois ninguém espera por milagres, temos consciência de que o caminho para acabar com o racismo será demorado, demanda esforços, reflexões e embates.

Sabemos que deixar de ser racista não é tarefa tão simples assim. O processo é conflituoso, implica perda de privilégios, implica muita luta. Ninguém deixa de ser racista da noite para o dia. São séculos de estigmatização da figura de negras e de negros, são séculos em que esse processo vem se arrastando e essa questão da imagem vem acompanhada de uma série de coisas, com a pobreza e a marginalização. E tudo isso, faz ser necessário, que as escolas iniciem o quanto antes este processo.

A seguir, falaremos de outro tópico bastante importante, que é a compreensão sobre o que é a identidade e a importância de se afirmar a identidade negra nas escolas, mostrando a importância de se manter acesa a chama do orgulho negro entre todas as crianças e jovens afrodescendentes.

1.3 Identidade

A identidade, segundo Wagner Aparecido da Silva em seu trabalho de dissertação (2008), pode ser percebida como sendo o peculiar ou o atributo de cada um e também o que o identifica com grupos étnico-raciais, de classe social e de gêneros, dentre outros. A identidade é uma construção da própria pessoa, mas não do indivíduo isolado, pois acontece no convívio com os outros, fazendo deles seu ponto de partida ou referência. Pois como a questão de raça, identidade também é uma categoria política e não se faz sem conflitos. (SILVA, 2008)

Para Silva (2014), em uma primeira aproximação, parece ser fácil definir identidade. A identidade é simplesmente aquilo que se é, “Sou brasileiro”, “Sou negro”, “Sou homossexual”, “Sou jovem”, “Sou homem” (SILVA, 2014, p.74). Mas, ainda de acordo com Silva, ela é construída a partir do outro, das diferenças que são percebidas: Além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica [...] são o resultado de atos de criação linguística significa dizer que elas são criadas por meio de atos de linguagem. (SILVA, 2014, p.76)

Identidade pode ser entendida como a consciência que cada um tem de si mesmo, a qual classe social a que pertence, e ao grupo racial que representa. É uma produção contínua, que vai sendo edificada durante a vida toda.

Conforme o pensamento de Gomes (2003), a identidade negra é entendida como uma construção social, histórica e cultural, implicando o olhar que o sujeito tem de si mesmo e do grupo ao qual pertence, a partir da relação estabelecida com os demais. E ainda sobre este assunto, a autora, em outro trabalho (GOMES, 2008, p.20), pontua que: “a construção da identidade negra como um movimento que não se dá apenas a começar do olhar de dentro, do próprio negro sobre si mesmo e de seu corpo, mas também como o olhar do outro, do que está de fora”.

Vale salientar aqui, que a identidade negra é entendida como uma construção histórica, cultural, e plural. E, de acordo a afirmação feita pelo professor Munanga: “A identidade negra mais abrangente seria a identidade política de um segmento importante da população brasileira excluída de sua participação política e econômica e do pleno exercício da cidadania.” (MUNANGA, 2012, p.16)

A importância que a construção de uma identidade negra positiva possui, é de ser o caminho para a conquista da plena cidadania para as pessoas afrodescendentes. Em uma sociedade como a nossa, onde se valoriza somente um determinado grupo étnico-racial, desde

o tempo da escola, não é tarefa complicada ser branco. O problema é que o mesmo não acontece com os outros grupos sociais como os indígenas, asiáticos e afrodescendentes.

Por isso não é fácil assumir e firmar a identidade negra em nosso país, mesmo em se tratando de um país onde quase a metade da população é negra, porque as negras e os negros continuam sendo vistas/os de maneira inferiorizada ou marginalizada. De acordo com Gomes (2003), é muito difícil construir uma identidade positiva negra, em uma sociedade que impõe à população negra a necessidade de se negar a sua cor. Logo, não seria possível pensar em realizar ações voltadas para se combater o racismo, sem antes pensar em ações que se iniciem dentro das salas de aulas, afirmando a identidade negra entre as crianças. Neste ponto, falaremos a seguir de cultura, assim como a importância da Cultura Negra em nossa sociedade.

1.4 Cultura Negra

Em seu livro, Geertz (KLUKHOHN apud GEERTZ, 2008), traz a definição de cultura como sendo “o modo de vida global de um povo”, ou “o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo” (p.4). Ou seja, cultura pode ser entendida como os costumes e valores de uma sociedade.

Enquanto Gomes (2003, p.77), afirma que, a cultura negra pode ser entendida como “uma particularidade da cultura que foi construída historicamente por um grupo étnico/racial específico, mas nunca de maneira isolada e sim através do contato com outros grupos e povos”. Sendo importante também, lembrar, conforme a dissertação de Valéria Aparecida Algarve (2004), que as manifestações culturais brasileiras, perpassam todas as manifestações africanas. Desde o modo de vida, o trabalho, a religião, suas festas, manifestações de pensamentos, tudo faz parte das manifestações culturais negras. E toda esta cultura faz-se presente no modo de vida da maioria do povo brasileiro, embora seja predominante entre o segmento negro da população, por ser descendente de africanos que foram escravizados no Brasil. Além disso, segundo Gomes:

A cultura negra possibilita aos negros a construção de um “nós”, de uma história e de uma identidade. Diz respeito à consciência cultural, à estética, à corporeidade, à musicalidade, à religiosidade, à vivência da negritude, marcadas por um processo de africanidade e recriação cultural. Esse “nós” possibilita o posicionamento do negro

diante do outro e destaca aspectos relevantes da sua história e de sua ancestralidade. (GOMES, 2003, p.79)

Estudar a cultura negra na escola deve ser vista, como uma maneira encontrada, para auxiliar os alunos negros a elevarem sua autoestima, na medida em que saibam que fazem parte de um todo, e sendo reconhecido como parte integrante da sociedade. Nossas escolas, não podem continuar alimentando e reproduzindo desigualdades, todas as crianças e jovens negros precisam construir ou recuperar sua identidade positiva, se aceitando exatamente como eles são. E sentindo orgulho das tradições presentes em sua cultura.

De acordo com o tema escolhido, a Valorização da Identidade Negra nas Escolas, surgiu como necessidade de melhorar a escola e o racismo. Pois, mesmo sendo um espaço destinado para a integração e a formação das crianças, desde muito tempo atrás, a escola vem sendo reprodutora de desigualdades, inclusive do racismo. Existem vários estudos dedicados a este problema. Assim como existem muitos pesquisadores, que se dedicam a buscar respostas e possíveis soluções para acabar com este problema, e tornar a escola um espaço onde realmente todos são iguais.

2 - DISCUSSÃO DE ESCOLA

Como falado anteriormente, há vários estudos e pesquisas sobre o tema “a escola e o racismo”, no qual os autores buscam aprofundar mais sobre o assunto, esclarecendo dúvidas e procurando alternativas para auxiliarem em seu combate. Os estudos aqui citados foram escolhidos de maneira criteriosa, por nos permitir conhecer as formas como frequentemente, o racismo, vem se apresentando no ambiente escolar.

O racismo vem imperando ao longo dos anos, inclusive podendo ser percebido até em publicações pedagógicas, como em livros e revistas, onde as crianças brancas são retratadas como sendo saudáveis e felizes, enquanto as crianças negras têm, na maioria das vezes, a sua imagem associada à desnutrição, às crianças de rua, ao abandono familiar (GOMES, 2010, p.104). Somando-se a isso, ainda nos dias de hoje, existe uma predileção quase que cultural, entre a grande maioria dos professores pelos alunos de pele clara.

Logo, torna-se bastante difícil pensar em medidas que alterem esta realidade em nosso país, sem antes voltar nossos olhares para o espaço da educação, desde a mais tenra idade escolar. Nada mais justo, do que poder contar com o apoio das instituições escolares, para

quebrar o abismo racial logo nos anos iniciais da educação: cultivando bons hábitos, como o de integrar positivamente a cultura negra à nossa sociedade, fazendo as devidas adaptações nas grades curriculares, e incluindo-as de uma vez por todas. Afinal, por ser a escola um espaço onde as crianças e jovens passam grande parte da sua vida, é importantíssimo que ela seja um local prazeroso de se estar, um espaço realmente destinado à socialização.

Assim, realmente poderemos contar com uma melhor educação capaz de oferecer às crianças a oportunidade de se tornarem cidadãs melhores, capacitadas e conscientes de que as pessoas não são e nem precisam ser iguais, mas todas merecem ter direitos iguais.

O racismo sempre esteve presente no espaço escolar. Pode-se dizer mesmo que ele já faz parte do cenário da educação brasileira. Conforme estudamos logo de início, em nosso curso Gênero e Diversidade na Escola, a desigualdade foi historicamente construída. E as escolas, tiveram participação no processo de normatização das trajetórias humanas, a partir da transmissão da cultura de valores hegemônicos. Sendo que esse caráter hegemônico, onde a raça branca é privilegiada em detrimento da raça negra, vigora ainda hoje na sociedade brasileira. Negar essa questão acaba por ocasionar mais desigualdades raciais no ambiente escolar.

O escritor Dayrell (1996) afirma que, “Acreditamos que a escola pode e deve ser um espaço de formação ampla do aluno, que aprofunde o seu processo de humanização, aprimorando as dimensões e habilidades que fazem de cada um de nós seres humanos”. (p. 26). Mas para que isto ocorra, primeiramente, a escola brasileira tem como desafio rever suas posturas, valores e conhecimentos curriculares.

Aliás, os movimentos sociais vêm lutando muito, ao longo dos tempos, para que aconteça essa mudança. E, de acordo com os estudos feitos na 1ª Unidade do GDE, ocorreram várias lutas lideradas por eles, para conseguirem que ações fossem desenvolvidas e que pudessem acarretar em mudanças na realidade do racismo. São muitas conquistas significativas no decorrer da luta contra o racismo.

Conforme Gomes (2006, p.36), no início do terceiro milênio o movimento negro passou adotar uma postura mais propositiva, realizando intervenções sistemáticas no interior dos Estados e por consequência, conseguiu avanços como a criação da Secretaria de Políticas da Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR). Esta Secretaria é responsável por várias ações voltadas para a igualdade racial. Ela tem abrangência em toda área nacional em parceria com ministérios, secretarias estaduais e municipais, universidades, outros movimentos sociais e ONG's. E é responsável por várias ações voltadas para a igualdade racial. Também foram construídas a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

(SECADI), a Coordenadoria de Diversidade e Inclusão Educacional que faz conferências e produz material didático relacionado ao tema.

Muito caminho foi percorrido até que, finalmente, as questões raciais começaram a serem assumidas pelo estado e pelas escolas com a força da Lei 10.639/03¹. Anterior a essa lei, as escolas sempre tiveram a preocupação com o racismo, sim. Mas do ponto de vista hegemônico, onde o estudante branco era visto como sendo superior ao estudante negro, que por sua vez, era sempre inferiorizado. Assim, de acordo com Gomes (GOMES, 2010), ela – a escola – precisa superar a “subalternização dos saberes da cultura negra, a presença dos estereótipos raciais nos manuais didáticos, a estigmatização do negro”, pois, como vemos, ainda é notável a diferença como são tratados os estudantes negros, em relação aos estudantes brancos dentro das escolas.

Uma das maneiras para se evitar falar sobre o racismo é tentar torná-lo invisível. Ninguém quer ser considerado e nem ao menos cogita, a possibilidade de ser visto como uma pessoa preconceituosa. E esta “invisibilidade” também é adotada nas escolas, como podemos verificar em artigos que abordem esse tema, como no caso do artigo já citado anteriormente de Valverde e Stocco (2009), que aponta um estudo de Eliane Cavalleiro (2005), realizado com a educação Infantil, o qual nos mostra a ausência da população negra em cartazes; a omissão de professores diante das situações de discriminação sofridas pelas crianças negras; as práticas de adjetivação desumanizadoras das crianças negras também por parte dos professores; e o estímulo e o tratamento mais afetivo destinado à criança branca.

Neste estudo, ainda aparece ressaltada, a invisibilidade da população negra em livros didáticos, ou como tinham sua presença desumanizada ou exotizada, nos casos onde apareciam diretamente ligados à escravidão. Tudo isso sempre contribuiu para a imagem negativa das crianças negras serem maximizadas.

Como professora há alguns anos na rede municipal de Ensino Fundamental, posso acompanhar como as questões raciais ainda estão sendo “mascaradas” em nossa sociedade, sobremaneira no ambiente escolar. Ainda assim, o racismo pode ser observado em pequenas atitudes ou em atos, por parte do corpo docente que não se vê como racista, mas que solta piadinhas entre os colegas sobre determinados alunos negros. E invariavelmente, se recusa a

¹ A lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, inclui no currículo dos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e determina que o conteúdo programático incluirá o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil, além de instituir, no calendário escolar, o dia 20 de novembro como data comemorativa do Dia da Consciência Negra. (Adaptação - Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>)

dar as mesmas oportunidades aos alunos independentemente de sua cor ou de seus traços físicos, pois continua elegendo-os de acordo com critérios de beleza já previamente definidos.

Para esses professores, não importa se o garotinho negro seja o melhor em sua turma, em termos de rendimento de aprendizagem. Na hora que for preciso escolher um aluno destaque para a escola, ele não hesitará em escolher outro qualquer, que se enquadre no fenótipo de beleza preestabelecido como o padrão.

A autora Marília Pinto de Carvalho (2004) levanta apontamentos interessantes, de acordo com resultado encontrado após realização de pesquisa. O foco inicial da pesquisa eram as questões sobre as diferenças de desempenho escolar entre os sexos, porém a desigualdade racial se impôs como categoria indispensável à análise. Segundo a autora, há muitas diferenças dentro do grupo das desigualdades raciais, sendo necessário caracterizar os que possuam, também, problemas escolares.

Dentre os maiores problemas responsáveis pelo fracasso escolar, destaca-se os dados relativos à defasagem entre série cursada e idade, referindo-se ao grupo de alunos negros do sexo masculino. Mostrando que a maioria de jovens analfabetos é negra, que passou pela escola e ainda assim não conseguiu se apropriar das ferramentas de leitura e escrita, pois tiveram uma trajetória escolar marcada pela repetência e pela evasão. Isto indica que a escola está fracassando frente a um grupo grande de jovens, no qual se concentra uma maioria de pessoas do sexo masculino, ao se considerar a variável raça. Porém, as mulheres negras aparecem logo em seguida como sendo o próximo grupo a apresentar maior problema em desempenho escolar.

No que diz respeito aos docentes, ainda há, com relativa frequência, aquele (a) aluno (a) que faria parte de uma apresentação qualquer na escola, e que subitamente muda de opinião ao descobrir que o seu par seria um (a) menino (a) negro (a). Além de constantes piadinhas, que podem ser ouvidas pelos corredores das escolas.

O artigo “Educação e Racismo: conhecendo as contradições do passado para construir a escola do futuro” (OLIVEIRA, 2007), retrata um pouco do racismo no âmbito educacional, onde se apresenta algumas vezes de maneira camuflada; maneira como também está presente em outros setores da sociedade, tentando se passar como parte apenas do imaginário de alguns indivíduos. Outra forma também comumente utilizada na tentativa de evitar o assunto.

No entanto, Silva (2006) fala sobre a grande desvantagem da população negra em relação à branca e de como é comum se atribuir as desigualdades raciais às condições de origem das pessoas, o que justificaria a baixa escolarização dos negros, desde o momento da abolição da escravatura até os dias atuais.

Além desses artigos, é oportuno destacar a importante contribuição trazida pelo livro “Superando o Racismo na Escola”, elaborado por onze professores e especialistas da educação, e organizado por Kabengele Munanga, editado pelo Ministério da Educação (BRASIL, 1999). Uma das propostas apresentadas nesse livro é que a educação seja capaz de oferecer para todos, jovens e adultos, independentemente de sua cor, a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade dos seres humanos, introjetados neles pela cultura racista em que todos foram socializados.

Já o livro “Relações Raciais na Escola: reprodução de desigualdades em nome da igualdade” (CASTRO e ABRAMOVAY, 2006), busca mostrar o interior das escolas, onde o posicionamento dos grupos sobre as questões raciais são aprendidos e internalizados, desde a mais tenra idade, moldando comportamentos e estruturando formas de agir e pensar estigmatizados, e chegando a conclusão de que para modificar esta prática será exigido um grande investimento social.

Após a realização desta pesquisa sobre as escolas e o racismo, foi reforçada a necessidade de se criar estratégias de intervenção e, por isso, no próximo capítulo detalharemos como foi realizada a pesquisa empírica. E também falaremos sobre o processo de levantamento de dados feito com a turma, além de mostrar as atividades de intervenções que foram feitas em sala de aula para auxiliarem na positivação da identidade negra.

3- ATIVIDADES DE INTERVENÇÃO

3.1 O procedimento do levantamento de dados

A pesquisa empírica foi realizada na escola onde atuo como professora, a Escola Municipal Heitor Cláudio de Sales, em Pedro Leopoldo. E o período de duração foi entre os meados de outubro até o início de novembro do ano de 2015, com os vinte e quatro alunos do 3º ano da turma 313. São crianças de classe baixa, entre oito anos e nove anos de idade.

Dando início ao processo, foi perguntado aos alunos de qual cor era a pele deles. Esta pergunta foi feita com o propósito de se observar a maneira como cada criança se projeta, como cada um se vê em comparação com o outro. Quase todas as crianças responderam que eram brancas. Somente três delas disseram ser morenas e nenhuma disse ser negra, talvez pelo fato de as pessoas não se identificarem com sua cor, ou com sua raça.

TABELA 1

Autodeclaração da cor da pele, feita pelos anos da turma 313, da Escola Municipal Heitor Cláudio de Sales.

Idade dos alunos	Cor ou raça	
	Branca	Parda (morena)
8 anos	19	2
9 anos	2	1
Total	21	3

Fonte: Dados da pesquisa, 2015

Em seguida, foi perguntado se elas já haviam ouvido falar sobre a África. E em caso da resposta ser afirmativa, procurou-se saber o quê eles já haviam ouvido falar daquele continente. Diante das respostas obtidas (a maioria dos alunos já tinham ouvido falar), foi possível através de análise crítica, identificar as relações sobre como as crianças imaginavam ser a África, ou se simplesmente, se tinham ouvido falar apenas pela mídia. Realmente, no imaginário dos alunos, só havia conhecimentos adquiridos através dos meios de comunicação, principalmente a imagem usualmente retratada pela televisão: de ser um continente extremamente miserável, onde a maioria da população é negra.

Também, foi contado um pouco de história, de como os africanos foram retirados à força de seu lugar de origem, para serem escravizados em outros países, como aqui no Brasil. Houve um espaço para ressaltar a grande contribuição da religiosidade africana, da culinária, da beleza da fauna africana, dentre outras importantes contribuições. No início, por causa das informações de pobreza que possuíam (devido às informações retratadas serem apenas aquelas exploradas pela mídia), era difícil para as crianças imaginar a beleza da África.

Um exemplo disso foi, a reação de espanto que tiveram, ao saberem que a África era muito rica em beleza e que sua fauna também é muito rica. As crianças sentiam dificuldade de imaginar como um continente onde existia tanta pobreza poderia ser bonito. Pediram para repetir de novo a explicação, e então perguntaram: “Como assim, professora?”. “Como um lugar onde as pessoas são tão pobres, pode ser tão bonito?”

Aproveitando este ponto, fomos esclarecendo que, para a mídia, pode não ser interessante falar das qualidades de um país e que objetivando o lucro, por exemplo, os jornais e revistas podem destacar apenas o lado negativo de um fato, como a miséria. Que esta é uma prática comumente adotada, e que inclusive muitos estrangeiros não têm ideia de nossas riquezas. Quando ouvem falar do Brasil, só escutam falar do tráfico de drogas, assaltos e miséria. E de vez em quando, ouvem falar sobre alguma notícia sobre o carnaval e o futebol.

Nesse momento, foi narrada a vida de Zumbi dos Palmares, sinalizando ser uma história muito interessante, pois o herói era negro, e um herói negro não é algo comum. Zumbi viveu naquele tempo em que os negros foram escravizados, porém, ele se opôs, fugiu e lutou muito para ajudar também os seus amigos. Enquanto a história era contada, paralelamente foi observado se todas as crianças o perceberam como sendo um herói ou grande guerreiro, ou se somente as crianças negras o perceberiam assim, pelo fato dele também ser negro. Mas todos os alunos demonstraram ter gostado muito. Em parte porque as crianças dessa idade ainda gostam muito de histórias de heróis. E também porque as crianças disseram que ele era “inteligente” e “maneiro”, pois ele não se deixava abater e lutava para ajudar o seu povo a deixar a condição de escravizado para conquistar a liberdade.

Oportunamente, houve destaque para outras figuras negras importantes, como o Rei Pelé e o atual presidente da república dos Estados Unidos, Barack Obama. Como foi dito anteriormente, essas pessoas foram escolhidas porque fazem parte da história e porque são personalidades famosas do cenário mundial. Observou-se grande aceitação dessas figuras por parte dos alunos, agindo diretamente de maneira positiva e levando os alunos negros a se identificarem com os mesmos, fazendo-os refletir que é possível a qualquer pessoa, independente da cor de sua pele, alcançar uma posição de destaque em seu trabalho. Inclusive, alguns meninos disseram que serão jogadores de futebol e as meninas disseram querem ser bailarinas ou modelos.

Destacando a questão das desigualdades raciais, foi apresentada a situação do negro no Brasil, onde ele é visto como inferior e não tem as mesmas oportunidades que os brancos. Vivendo em situação de pobreza, desemprego, as crianças e jovens negros abandonam as escolas bem mais cedo que as crianças e jovens brancos. Além disso, ainda grande parte deles, começa bem jovem a trabalhar para ajudar em casa, para contribuir com a renda familiar.

Com o auxílio de recortes de jornais e de revistas, foi nitidamente possível perceber a diferença entre a vida de brancos e negros. E, ao perceber a proporção do tamanho desta

desigualdade, as crianças ficaram admiradas porque elas não tinham conhecimento dessa realidade.

Finalmente, foi abordado o tema preconceito e discriminação racial, observando o absurdo de se julgar uma pessoa só por causa de sua cor. Ressaltando que todas as raças são diferentes e merecedoras de respeito e de terem assegurados os mesmos direitos. Que verdadeiramente todos nós somos diferentes dos outros, e ninguém é igual a ninguém. E que a beleza padronizada é um valor de cunho cultural, podendo variar de cultura para cultura. Por exemplo, temos o atual padrão de beleza feminina é a mulher bem magra, mas até a bem pouco tempo atrás, mulher bonita era a mulher curvilínea.

Quando o assunto se esgotou foi retomada a primeira pergunta, mas dessa vez de nova forma: “E agora, depois de tudo que aprendemos como vocês definiriam a sua cor?” Nessa hora, os alunos pareceram ter compreendido que não haveria problema algum em assumir a sua cor, pois diante dos colegas, dois alunos assumiram orgulhosamente que eram negros.

Após a análise detalhada do levantamento de dados, foram escolhidas algumas práticas de intervenção que pudessem auxiliar na identidade negra positivada dos alunos.

3.2 A promoção de atividades

De acordo com o resultado apurado no levantamento de dados, foram escolhidas algumas atividades, para servirem como reflexão, no processo de construção da identidade negra positivada dentro da escola, de maneira que os alunos percebessem a beleza negra e que sentissem orgulho de sua cor.

Primeiramente, a turma assistiu ao desenho Kiriku e a Feiticeira, desenho animado envolto em magia. Porém, antes de se iniciar a sessão de cinema, foi explicado aos alunos, que o desenho tinha sido escolhido por ser um conto que valorizava a cultura africana, onde o personagem central era um menino negro muito esperto. Ressaltando ainda, o fato de como era bom assistir um filme onde o herói é negro; pois como falamos anteriormente, não se trata de algo comum.

Enquanto todos assistiam ao filme, ficou sendo observada a reação de cada um dos estudantes, verificando se aprovavam ou não o desenho. E quando terminaram de assistir, ao serem perguntados se haviam ou não gostado do desenho, eles disseram que o acharam bem divertido.

Oportunamente, foi pedido aos alunos, que apontassem o trecho, que consideraram ser o mais importante no desenho. As respostas foram as mais variadas, porém, muitos deles gostaram da parte em que Kiriku conversava com a mãe, ainda dentro de sua barriga. Outros, disseram ter achado divertido o momento do nascimento, porque ele nasceu e já saiu andando e dizendo como deveria ser chamado. Ou quando ele se escondeu dentro do chapéu de seu tio, fazendo com que a feiticeira acreditasse que o chapéu era mágico. Além da parte em que Kiriku salva seus amigos, furando a canoa mágica da feiticeira, evitando, assim, que elas os pegassem na fonte. Alguns estudantes preferiram o trecho, onde o protagonista foi conversar com um velho sábio da aldeia, tentando descobrir como combater a feiticeira.

No momento em que foi encerrada a discussão sobre o que acharam mais interessante no desenho, os alunos desceram até o pátio da escola para, em conjunto, fazer um desenho sobre o filme. Durante a realização dessa atividade, pode-se perceber que todas as crianças participaram com bastante entusiasmo.

De volta à sala de aula, também foi explicado à turma que é comum ao povo africano, valorizar bastante suas tradições, como aquelas que foram apresentadas no desenho: a música que a tribo dança em conjunto, usando máscaras e tendo o corpo pintado. Além disso, os mais velhos são muito respeitados, por serem considerados sábios.

Neste momento, a pergunta feita aos estudantes foi, se elas tinham por hábito ouvir e respeitar as pessoas mais velhas. Aproximadamente, a metade da turma, disse que obedecia aos mais velhos. Inclusive, citaram como exemplo, os conselhos que recebiam de seus avós.

Mas a outra parte da classe, respondeu que só se importava com os ensinamentos recebidos de seus pais. Então, foi necessário explicar a eles, que os ensinamentos dos pais são importantíssimos; porém, todas as pessoas mais velhas têm muito a nos ensinar. E são capazes de nos dar verdadeiras lições de vida. Então, foi pedido a todos, que se lembrassem do momento em que Kiriku descobriu o segredo da feiticeira. Pois, assim, veriam que a pessoa com quem ele foi se aconselhar, foi justamente o velho sábio da tribo.

Um dos garotos, que estava ouvindo tudo atentamente, fez o seguinte comentário: “Ele poderia não ter conseguido, sem a ajuda do ancião”. “Ou sozinho, Kiriku demoraria anos, para conseguir vencer a feiticeira.”- retrucou uma menina.

Logo as crianças começaram a narrar casos, onde puderam perceber que, assim como foi mostrado em “Kiriku e a feiticeira”, sempre devemos respeitar a sabedoria dos mais velhos: um menino, contou que se livrou de machucar o pé, ao andar de bicicleta, simplesmente porque ao ouvir os conselhos de seus avós, decidiu calçar seu tênis; e uma

menina teve sorte, quando sua avó não a deixou passear com as amigas, pois o carro que as levariam, acabou quebrando no meio do caminho.

Então, foi pedido a eles que explicassem por que escolheram giz de cera de cor marrom, para representar a cor da pele de Kiriku e da feiticeira no desenho que fizeram. A resposta de todos, praticamente, veio ao mesmo tempo: “Porque eles eram negros, professora!” Foi repassado que a observação que fizeram estava correta, pois realmente os personagens eram negros. Mas então, por que não escolheram o giz de cera de cor preta? Nessa hora, houve silêncio, as crianças se entreolharam e somente uma menina teve coragem de responder pela turma: “Não é falta de educação chamar os outros de preto ou de negro, professora?”, e continuou ainda: “Se pintasse eles de preto, não seria racismo?” Nesse momento, foi explicado que não existe problema algum em se retratar as pessoas como são, desde que haja respeito. No desenho, assim como na vida real, as pessoas são diferentes: existem pessoas altas e pessoas baixas; pessoas brancas e pessoas negras; pessoas novas e pessoas mais velhas. E elas podem ser retratadas como elas são, para assim, claramente mostrar a diversidade de pessoas existente no mundo. Não existe uma cor melhor que outra. O preconceito não está na cor da pele, e sim na cabeça de algumas pessoas que consideram uma cor/uma raça superior à outra.

No dia seguinte, foi feita a leitura do livro “As tranças de Bintou”, logo após ter explicado às crianças, que a narrativa se tratava de uma história muito bonita, onde a personagem principal, assim como no desenho Kiriku, era uma pessoa negra: desta vez, era uma menina negra, cujo nome era Bintou. Essa menina possuía cabelo crespo e curtinho, mas não gostava, porque ela sonhava em ter longas tranças enfeitadas com pedras coloridas e conchinhas. A história não é real, mas até hoje, muitas crianças não gostam de seus cabelos por serem crespos.

Este livro foi escolhido, pela exposição da forte presença da beleza negra, ricamente retratada em suas páginas. Portanto, facilmente, pode ser usado como fonte de identificação para as crianças negras existentes na turma, perceberem, por exemplo, que o cabelo crespo também é bonito, e deve ser motivo de orgulho para elas. E os demais alunos também seriam contemplados, à medida que observassem que, ser liso, não é critério suficiente, para um cabelo ser considerado bonito.

Durante a discussão sobre o livro, foi perguntado o que acharam da leitura. A resposta foi unânime: todos os alunos tinham gostado de ouvir a história. E quando foi perguntado o que haviam entendido sobre ele, uma das garotas explicou todo o enredo do livro dizendo que: “Era uma vez uma menininha negra de nome Bintou que queria ter longas tranças, mas

seu cabelo era muito crespo e curtinho. Aí, um dia, ela teve que salvar dois amigos seus, porque eles estavam se afogando. Foi quando a avó dela ficou feliz, e deu a ela um tanto de enfeites em forma de peixinhos, para ela enfeitar seu cabelo. Então, ela percebeu que seu cabelo era lindo, daquele jeito mesmo e ficou muito feliz”.

Então, as meninas começaram a conversar entre si sobre seus cabelos, principalmente aquelas que seus cabelos eram crespos ou encaracolados, dizendo que gostavam de seus cabelos como eles eram. Uma delas, disse que a mãe sempre a ajudava na hora de lavar os cabelos, porque era muito difícil, pois ele era muito volumoso e grande. Disse também, que só lavava com xampu e passa um creme no final. Seus cabelos secavam sozinhos, ao vento! Mas só depois de sua mãe, fazer um tanto de cachinhos nele, produzindo um efeito muito bonito.

Outra aluna contou que tinha os cabelos enormes antes de ter cortado. Ela teve que cortá-lo, pois era muito difícil cuidar dele, até mesmo penteá-lo era um sacrifício. Foi quando a sua mãe, resolveu levá-la ao salão para cortar e alisar seu cabelo. Desde então, é só assim que ela prefere usar seus cabelos, lisos e pranchados, por achar que ficou bem mais bonito.

Nesse ponto, uma terceira menina disse que, embora alguns meninos e meninas riem quando ela passa, apontando para seu enorme cabelo crespo, agora ela não liga mais, pois já se acostumou com as piadinhas. Mas quando era menor, chorava muito e ficava triste.

Aproveitando a oportunidade, falamos como os cabelos de todos eram bonitos e bem cuidados. Alguns cabelos eram lisos, mas a maioria era crespo mesmo. Então, as crianças começaram a contar sobre os cabelos de vizinhas, ou até mesmo de conhecidas, que tinham o cabelo crespo mais lindo que já tinham visto.

Como dever de casa, foi pedido às crianças, que trouxessem recortes de jornais e de revistas, para em grupos, confeccionar cartazes para a comemoração da Consciência Negra, mostrando o negro na escola, no trabalho, em diferentes situações.

Este foi um trabalho muito bom. Apesar das crianças dessa idade, entre oito e nove anos, dispersarem-se com certa facilidade e algumas terem dificuldades para trabalhar em grupo, foi muito proveitoso. Eles levaram para a sala de aula, várias fotos e reportagens falando sobre a vida de pessoas negras, de seus trabalhos, moradia e suas dificuldades diárias. Fizeram tudo em grupos, sendo que os que tinham mais dificuldade foram ajudados pelos outros.

No momento em que terminaram, os estudantes se dividiram, para afixar os cartazes pelas paredes da escola. Dessa maneira, puderam compartilhar um pouco do que aprenderam, sobre o papel que o negro vem ocupando na sociedade. Representaram, através de cartazes, a necessidade de se acabar com a segregação absurda vivida ainda hoje, entre brancos e negros.

A realização dessas atividades foi muito importante, para o processo de conscientização das crianças, sobre a realidade vivida pelos negros na sociedade. Assim, puderam perceber que, elas também podem ajudar a transformar essa realidade. Afinal, é preciso começar a luta contra o racismo dentro das escolas.

A seguir, serão registradas as conclusões a que pudemos chegar após a realização desse trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa trouxe importantes reflexões, sobre as relações raciais e a valorização da Identidade Negra nas Escolas. Além de ter trazido à tona estratégias pedagógicas, que colocaram em prática, formas de enfrentamento ao racismo no ambiente escolar.

Para tanto, o referencial teórico foi baseado de maneira que esclarecesse possíveis dúvidas que surgissem sobre os conceitos de raça, identidade, racismo e cultura negra, e, por isso foi elaborado um estudo sobre os mesmos.

Além disso, no decorrer da pesquisa, nos deparamos com a necessidade de nos dedicar a entender mais sobre a escola, por ela ser uma parte fundamental do trabalho. Neste momento, começamos a estudar como o processo do racismo vem sendo reproduzido, ao longo dos tempos, dentro das escolas, como se fosse uma parte dos seus ensinamentos. Portanto, as escolas possuem um papel importantíssimo na luta contra o preconceito e na valorização da raça negra dos seus alunos.

O aprofundamento teórico foi imprescindível, para que, as ações pedagógicas realizadas durante a aplicação da pesquisa na escola, atuassem fundamentalmente na luta contra o racismo.

A pesquisa feita mostrou como a escola vem ao longo dos anos, mantendo-se reprodutora de desigualdades, apoiando o caráter hegemônico e perpetuando o tratamento diferenciado que dispensa aos seus alunos.

De tudo o que foi estudado, o destaque, sem dúvida alguma, foi para as relações existentes entre as escolas e o racismo, ao reproduzir diferenças desigualdades, dividindo os alunos em grupos. Dentre os tais grupos, somente uns poucos alunos merecem tratamento diferenciado, por se encaixarem nos padrões normatizados eleitos pela sociedade. Justamente

a escola, que precisa ser um espaço acolhedor das diferenças e que precisa ensinar aos seus alunos a respeitar a diversidade.

As atividades realizadas de intervenção mostraram que, as crianças trazem dentro de si conceitos aprendidos em casa e culturalmente, sobre as raças, porém, com boa vontade e práticas elaboradas, podemos valorizar as crianças negras, mostrando como a pele negra e os traços negros são tão bonitos quanto à pele branca e os traços brancos, ou a pele mais clara que a sua.

Ninguém nasce racista, é preciso nos lembrar disto. Assim, também é preciso que as escolas queiram mudar suas formas de agir, deixando de ser reprodutoras das diferenças, e, verdadeiramente, tratando todos de maneira igual.

Todavia sabemos que o processo para se acabar com o racismo é longo, demorado e trabalhoso. Demandando boa vontade e mudanças de comportamentos. Além de inevitáveis perdas de vantagens para o grupo considerado como o dominante.

Infelizmente, o tempo foi muito curto, e as atividades de intervenção se iniciaram somente em meados de outubro. Assim, não conseguimos realizar todas as atividades que inicialmente haviam sido propostas.

Foi preciso fazer adaptações nas atividades, tendo o cuidado em nos preocupar somente com o que realmente seria relevante. Como mostrar histórias que não fazem parte do nosso cotidiano, onde os personagens principais são negros. Por isso, ficou decidido que trabalharíamos com o desenho de Kiriku, com o livro “As tranças de Bintou” e com a confecção de cartazes que mostrassem o dia a dia da população negra, por serem atividades que poderiam contribuir, de forma significativa, na vida das crianças.

Apesar de termos apenas iniciado o trabalho de valorização da identidade negra dentro da escola, tivemos bons frutos, como alunos se respeitando mais, todo mundo brincando com todo mundo sem distinção. Podendo, inclusive, ser percebida uma sensível redução no número de apelidos e piadinhas racistas dentro e fora de sala de aula.

Não foi encontrada maior dificuldade durante a realização das atividades em sala de aula. Embora as crianças já tragam de casa conceitos e preconceitos, elas são muito espertas e ao perceberem qual é a postura de seu professor, passam a se espelhar no comportamento dele.

O maior impasse encontrado foi o acúmulo de projetos a que nós, professores, estamos fadados durante o ano letivo. Então, quando esse projeto de intervenção foi apresentado à direção, não houve grande apreciação, afinal, já estavam em andamento outros projetos

priorizados pela instituição, como o projeto de Educação Financeira, o projeto de Meio Ambiente e Sustentabilidade, além do PGA ou Programa de Gestão Avançada.

Percebe-se que, apesar de constar no currículo, a escola não tem se preocupado verdadeiramente, em trabalhar a diversidade cotidianamente. Enquanto isso, o tema raça permanece restrito a uma única comemoração cívica: o dia da Consciência Negra.

Assim, concluímos que, uma possibilidade encontrada para dar continuidade a esse trabalho de combate ao racismo, seja manter o uso em sala de aula de materiais diversos, como filmes e livros, que possam contribuir de modo contundente, oportunizando reflexões e questionamentos críticos aos alunos, sobre a importância em se positivar a identidade negra, como forma de modificar a realidade vivida pela população negra na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma Lino. **Educação e raça – perspectivas políticas, pedagógicas, e estéticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ALGARVE, Valéria Aparecida. **Dissertação Cultura Negra na sala de aula: pode um cantinho de Africanidades elevar a autoestima de crianças negras e melhorar o relacionamento entre crianças negras e brancas?** Disponível em <http://www.bdtd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php> 2004.

BRANDÃO, André Augusto Pereira. **Programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade Brasileira**. Material disponibilizado pelo curso GDE da UFMG. Belo Horizonte, 2014.

CARVALHO, Marília Pinto de. **O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça**. Cad. Pagu. Campinas, n. 22, jun. 2004.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam (Coord). **Relações Raciais na Escola: reprodução de desigualdade em nome da igualdade**. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/imagens/0014/001459/145993.por.pdf>> 2006.

DAYRELL, Juarez Tarcísio (1996). **A escola como espaço sócio-cultural**. In J.Dayrell (org.). *Múltiplos olhares sobre a educação e cultura* (p. 136-161). Belo Horizonte: Editora UFMG.

DIOUF, Sylviane A. **As tranças de Bintou**. Editora Cosac Naify, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil**: uma breve discussão. Material disponibilizado pelo curso GDE da UFMG. Belo Horizonte, 2014.

GOMES, Nilma Lino. **Artigo Cultura Negra e Educação**. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a05.2003>>.

GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo**: diversidade e currículo. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, 2006.

GOMES, Nilma Lino. **Artigo Educação, relações étnico-raciais e a Lei 10.639/03**. Disponível em <<http://antigo.acordacultura.org.br/artigo>> - 25-08-2011.

GOMES, Nilma Lino. **Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais**. 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz – corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MACHADO, Frederico Viana. **Estado, Movimentos Sociais e Direitos Humanos**. Material disponibilizado pelo GDE da UFMG. Belo Horizonte, 2014.

MISKOLCI, Richard. **Marcas da Diferença no Ensino Escolar**. 1ª Ed. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude – usos e sentidos**. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MUNANGA, Kabengele (org). **Superando o Racismo na escola**. Disponível em <http://www.portal.mec.gov.br / Secad/ racismo_escola.pdf> 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia**. Disponível em <<http://www.ufmg.br/inclusaosocial/?=59>> 2003.

NETO, Paulo. **Artigo Racismo em Kardec? A propaganda Antiespírita e a Verdade Doutrinária**. Disponível em <[http://bvespirita.com/Racismo%20em%20kardec!%20\(Paulo%20Neto\).pdf](http://bvespirita.com/Racismo%20em%20kardec!%20(Paulo%20Neto).pdf)> 2007.

OCELOT, Michel. (direção). **Kiriku e a Feiticeira**. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=uMCP7uxTOcA>> 1998.

OLIVEIRA, José Reinaldo. **Educação e Racismo**: conhecendo as contradições do passado para construir a escola do futuro. Disponível em <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educer2008/anais/pdf.1363_952.pdf> 2007.

SILVA, André Nepomuceno Cirilo da. **Dissertação Refletindo a Identidade Negra e Agindo Multiculturalmente no Ensino**. Disponível em <http://www.educacao.ufrj.br/ppge/dissertacoes/dissertacao_andre_nepomuceno_cirilo_da_silva.pdf> 2008.

SILVA, Paulo Vinícius Baptista. (2006). **Educação e Desigualdades Raciais no Brasil.**

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e Diferença.** 14ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Wagner Aparecido da. **Dissertação Viva Rei, Viva Rainha, Viva também o seu capitão.** Disponível em <http://www.Tede.mackenzie.com.br/tde_arquivos/6/TDE-2008-08-24T203241Z-510/Publico/Wagner%20Aparecido%20da%20Silva.pdf>.

VALVERDE, Danielle Oliveira; STOCCO, Lauro. (2009). **Notas para a Interpretação das desigualdades Raciais na Educação.**

ANEXOS

ANEXO A

Crianças desenhando o filme Kiriku



ANEXO B

Painel do desenho Kiriku e a feiticeira




ANEXO C

Atividade sobre a Cultura Negra

A CONTRIBUICÃO DOS NEGROS

Preencha a 2ª coluna de acordo com a 1ª:

1 Alimento	2 Samba
2 Música	5 Atabaque
3 Palavra	1 Cocada
4 Dança	1 Cachaça
5 Instrumento musical	1 Feijoada
	3 Dodô
	2 Batuque
	1 Açaçá
	5 Berimbau
	3 Cachimbo
	2 Agogô
	3 Maracá
	3 Nanã



ANEXO E

Pratos típicos de origem africana

, como por exemplo: angu, acarajé e tamboré e as
 moleque, melambé e caçula e...

Os pratos africanos

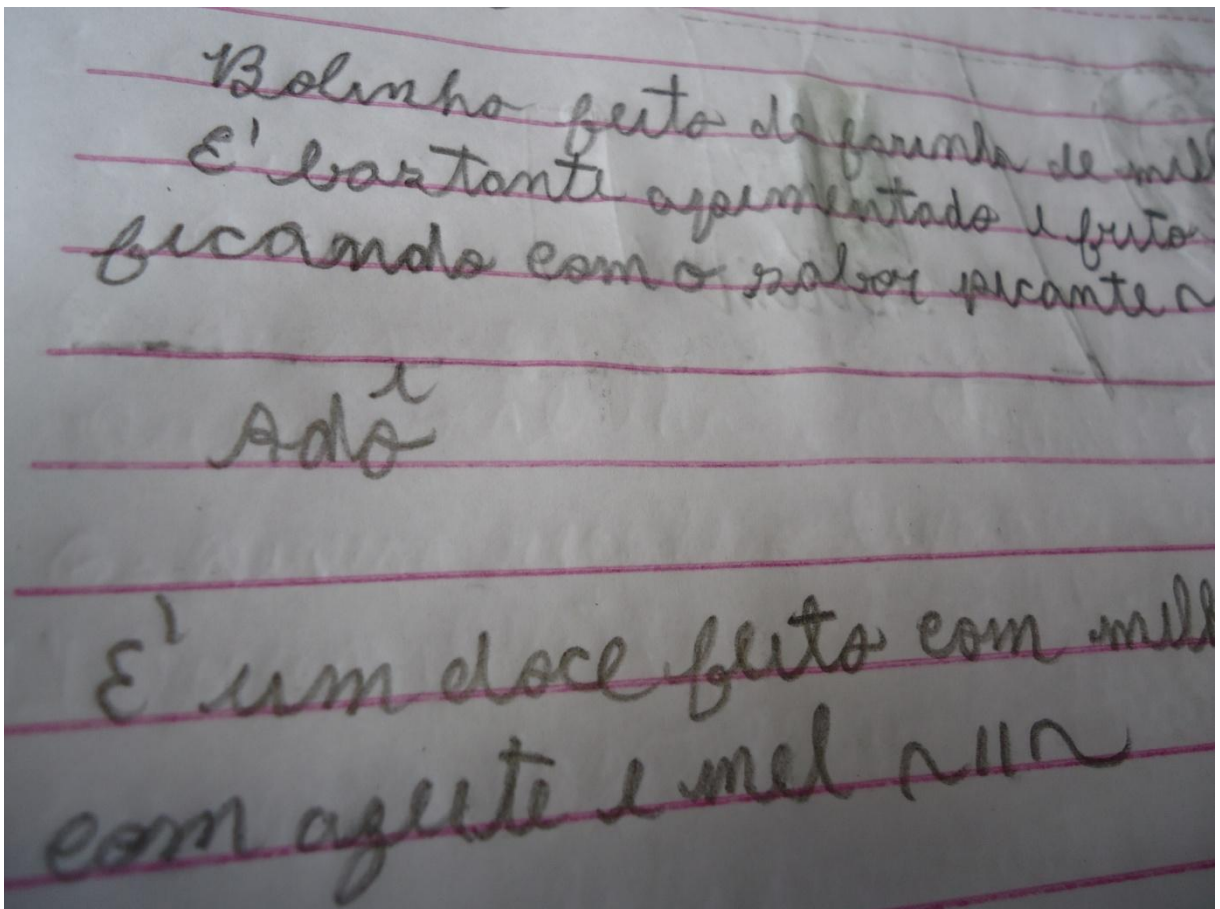
A influência africana também deixou a
 culinária brasileira.

Responsáveis por preparar alimentos
 eles, nas cozinhas dos engenhos de açúcar
 africanos adaptaram seus hábitos
 ingredientes existentes no Brasil.

O resultado? Foi muito lute de
 acarajé, vatapá, angu pamonha
 e...

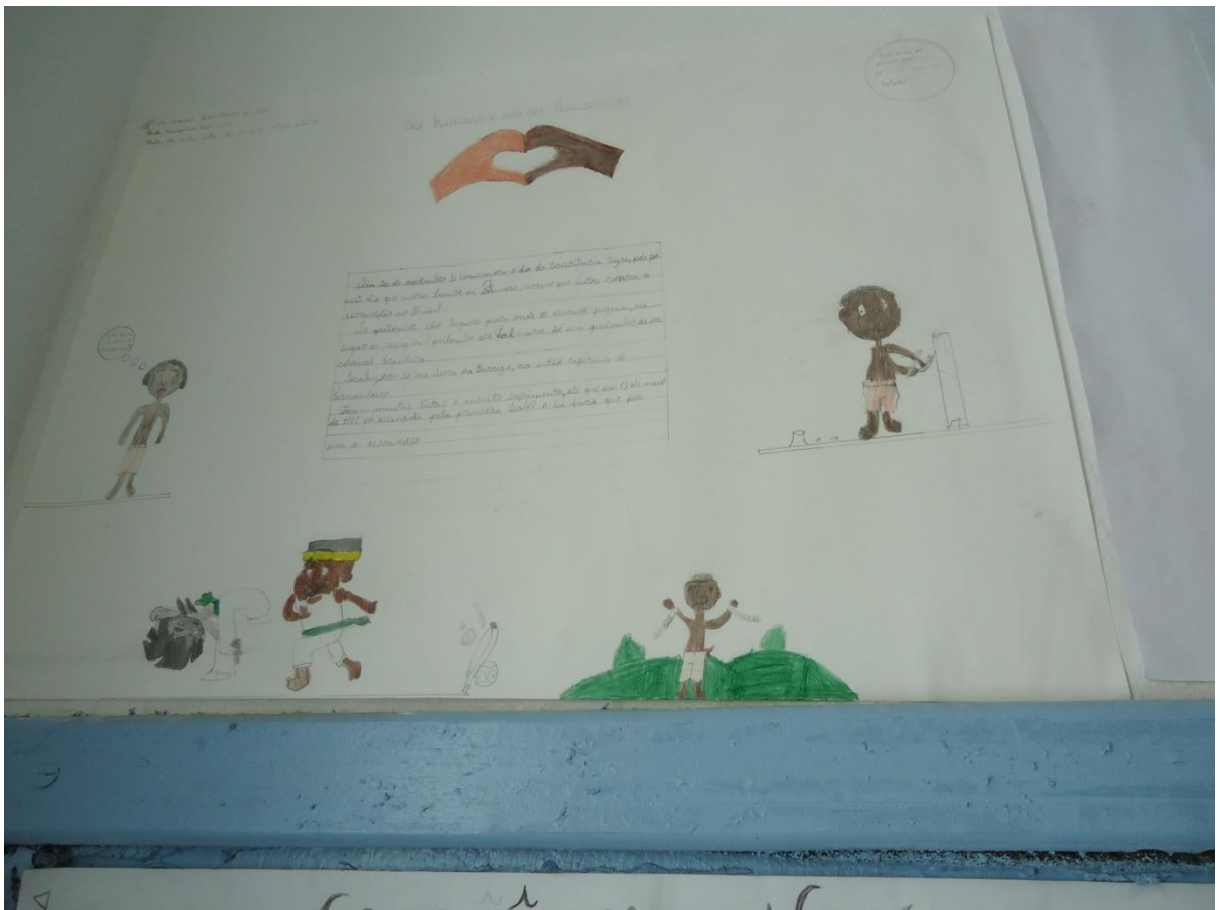
ANEXO F

Pesquisando comidas africanas



ANEXO G

Cartaz sobre o negro



ANEXO H

Ilustração de uma aluna representando a liberdade do povo negro



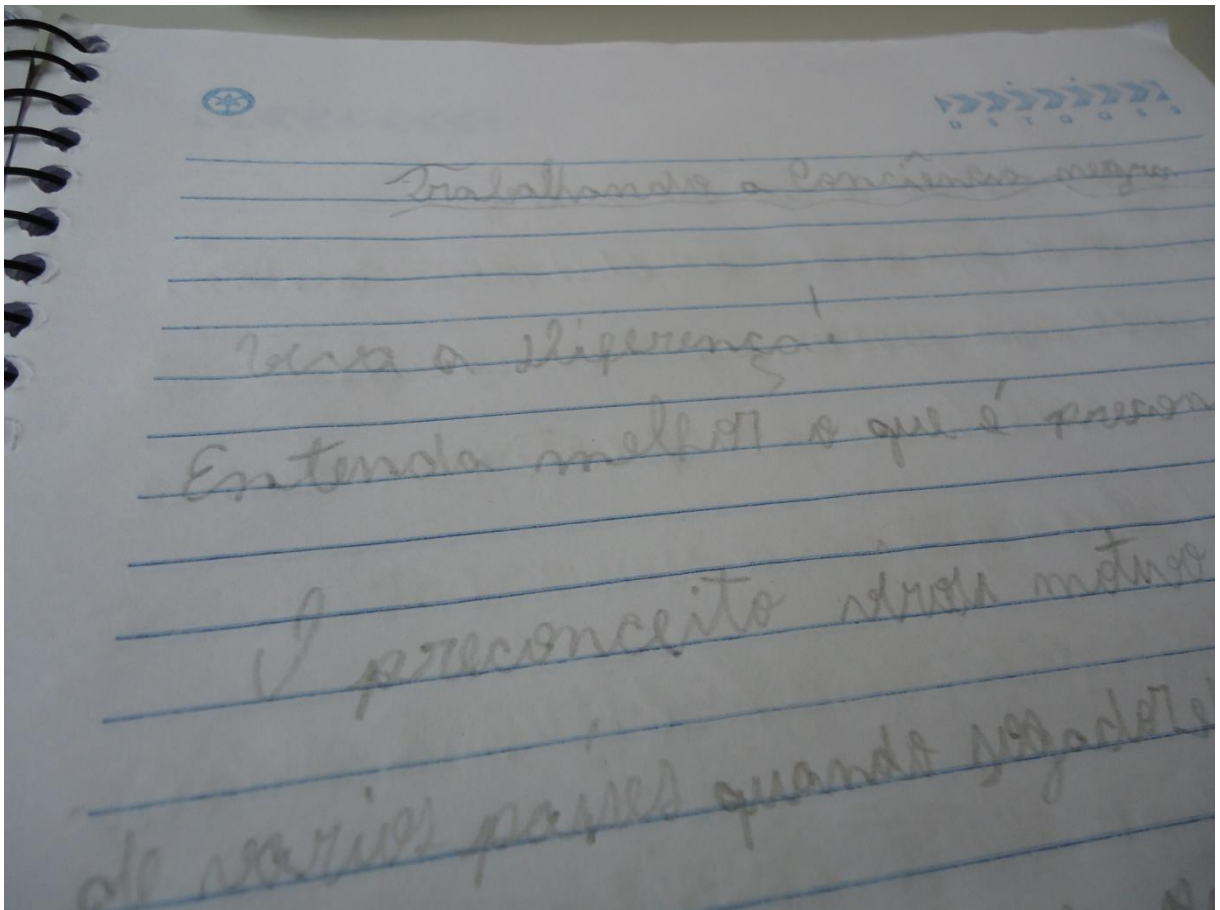
ANEXO I –

Cartaz sobre as diferenças raciais



ANEXO J

Estudo sobre a Consciência negra



ANEXO K

Cartaz sobre a Consciência Negra

